

[Home](#) » [Especial](#)

Cidadania para os rincões do Brasil

Publicado por [admin](#) - Segunda-feira, 19 Outubro 2009

AÇÃO SOCIAL

IZABEL LEÃO



As várias formas de atuação do Bandeira Científica...

Coordenado pela Faculdade de Medicina da USP, Projeto Bandeira Científica – que leva alunos de diferentes cursos para prestar assistência a comunidades carentes do interior brasileiro – ganha prêmio de melhor programa de extensão universitária do País na área da saúde

“O Bandeira acrescentou minutas na minha

visão do mundo. Foi tipo um teatro das obras do mestre Graciliano. São os ensinamentos que mudam tua conduta. Crianças. Felizes. Vida. Música. Sombras. Comentários por Oscar Niemeyer e Estamira.

Simbora melhorar este país. Brasil amado. Maranhão não conheço, ainda. Simbora tentar olhar pro mar e

ver, no Equador, uma vela que não tem fim. São os peixes que brigam por espaço no mar. As curvinas

[Capa - versão PDF](#)



Editorias

- [Cultura](#)
- [Especial](#)
- [Interligado](#)
- [Internacional](#)
- [Nacional](#)
- [Opinio](#)
- [Pesquisa](#)
- [Universidade](#)
- [Vamos](#)
 - [Bolsas](#)
 - [Cinema](#)
 - [Concursos](#)
 - [Cursos](#)
 - [Dança](#)
 - [Destaque](#)
 - [Estréia](#)
 - [Eventos](#)
 - [Exposições](#)
 - [Livros](#)
 - [Música](#)
 - [Notas](#)
 - [Programe-se](#)
 - [Revistas](#)
 - [Teatro](#)

com a pedra na cabeça. Beijos e Abraços, Otávio.”

Foi assim, poeticamente, que o médico Otávio Ranzani se expressou em seu blog (<http://canelacafe.zip.net>) quando, ainda como aluno de graduação da Faculdade de Medicina da USP, em 2007, participou do Projeto Bandeira Científica, no interior do Maranhão, atuando como médico em formação na cidade de Buriticupu.

Esse mesmo projeto acaba de ganhar o Prêmio Cidadania Sem Fronteiras, concedido pelo Ministério de Ciências e Tecnologia em parceria com o Instituto da Cidadania Brasil, entre mais de 280 projetos de extensão universitária de várias universidades brasileiras. Iniciado em 1957, o projeto já atuou em várias cidades do País (*leia o texto abaixo*).

O Projeto Bandeira Científica, promovido pela Faculdade de Medicina da USP, foi o grande vencedor da terceira edição do prêmio, classificado como o melhor projeto na área de saúde, recebendo o Selo Cidadania Sem Fronteiras, como prova da importância de sua atividade acadêmica. O prêmio elege as melhores práticas de extensão de instituições de ensino superior de todo o Brasil em oito categorias: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho. “Esse prêmio tem validade de três anos, o que nos permite usá-lo em toda a nossa papelaria e demais materiais, chancelando a importância de nossa atividade e dando



...projeto tem participação de alunos de medicina, fisioterapia, odontologia e comunicação, entre outras áreas

Arquivo

- [Outubro 2009](#)
- [Setembro 2009](#)
- [Agosto 2009](#)
- [Julho 2009](#)
- [Maio 2009](#)
- [Abril 2009](#)
- [Março 2009](#)
- [Fevereiro 2009](#)
- [Janeiro 2009](#)
- [Dezembro 2008](#)
- [Novembro 2008](#)
- [0](#)

Sobre o Jornal da USP

- [Edições anteriores](#)
- [Entre em contato](#)
- [Expediente](#)

Links

- [Coordenadoria de Comunicação Social](#)
- [Revista Espaço Aberto](#)
- [Revista USP](#)

Cadastre-se para receber nossa atualizações

Seu e-mail:

 Assine nosso feed, [clique aqui!](#)

Últimas

- [A maior mostra brasileira de cinema começa nesta sexta](#)
- [Mostra do Fomento à Dança](#)
- [USP inicia processo de eleição para reitor](#)
- [Pictóricas e arquitetônicas](#)
- [A USP do futuro](#)

Palavras mais buscadas
ambiente civilização Cultura islâmica

credibilidade para que possamos conseguir mais financiamentos”, explica o coordenador do projeto, professor Luiz Fernando Ferraz da Silva, do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina.

O Bandeira Científica é um projeto de extensão que visa a promover saúde básica e sustentabilidade em municípios carentes brasileiros. Compreende as áreas de medicina, nutrição, fisioterapia, psicologia, odontologia, jornalismo, engenharias civil e ambiental, agronomia e economia. O ponto alto do projeto é a realização de uma expedição à cidade atendida, sendo escolhida uma cidade diferente a cada ano.

Essa expedição, totalmente organizada por alunos, envolve a realização de atividades como atendimento médico, palestras, oficinas e análises técnicas, entre outros. Sempre que possível, a equipe da USP estabelece parcerias com instituições de ensino superior locais, como forma de entender melhor a realidade da região visitada e estabelecer uma maneira de executar ações de longo prazo.



Alunas do Projeto Bandeira Científica em atividade: oportunidade para retribuir à sociedade o ensino recebido na USP

Um fator de grande importância a se destacar no projeto é a interdisciplinaridade em saúde e educação. As iniciativas incluem atendimento odontológico para crianças e adultos, realização de cirurgias odontológicas, consulta com clínico geral,

atendimentos de fisioterapia, orientação na área nutricional, colocação de próteses dentárias e realização de visitas domiciliares e exames.

Experiência de vida – Não é somente Otavio Ranzani quem traz a alma carimbada por ter exercido a profissão de médico no longínquo interior do Brasil. Natalia Viu Degaspere, atualmente no sexto ano de Medicina, não se deu por sossegada e voltou uma, duas, três vezes, exercendo até a função de diretora

Mais lidas

O Jornal da USP é um órgão da

- A variada exuberância da cultura islâmica
- A celebração de um grande documento
- Jornal da USP, uma avaliação
- Na paisagem de Monbeig
- USP celebra a chegada dos calouros

Universidade de São Paulo, publicado pela Divisão de Mídias Impressas da Coordenadoria de Comunicação Social da USP. Tema by Arthemia Premium

do projeto. As distâncias não lhe causam preguiça. A primeira vez foi para Machadinho do Oeste, em Rondônia. Depois, Pinalva, no Maranhão, e Itaobim, em Minas Gerais. Foi com toda essa quilometragem percorrida pelos confins do Brasil que Natalia acabou se decidindo pela pediatria como a área em que irá atuar na vida profissional. “Será como pediatra que conseguirei ajudar as crianças. Meu contato com tanta desnutrição infantil e crianças carentes do mínimo para sobreviver mostrou-me o quanto elas precisam de um bom médico”, afirma Natalia. “O Bandeira me deu uma experiência de vida inigualável, um aprendizado riquíssimo com outras realidades diferentes, que nunca mais vou esquecer.”

Para a aluna do sexto ano, fazer parte de um projeto como esse é entender o quanto trabalhar em um hospital ou consultório é cômodo. “Nas cidades em que fazíamos as atividades tudo é muito difícil. Não há equipamento, falta água, falta tudo e a todo momento temos que driblar as dificuldades para conseguir fazer um bom trabalho.”

Não serão essas dificuldades que impedirão Natalia de continuar sua missão. Quando formada, ela pretende voltar a trabalhar no Bandeira, desta vez atuando como médica pediatra.

Outra futura médica encantada com o projeto é Priscila Gonçalves Serrano, no quarto ano de Medicina, que de cara vai avisando que seguirá a medicina clínica. Para ela, medicina significa partir dos sintomas do paciente para chegar a um diagnóstico, e não ao contrário, como tem sido feito atualmente, quando o médico só consegue o diagnóstico se tiver os exames físicos. Foi no Bandeira que ela teve essa certeza.

“No projeto, o aluno tem um ganho acadêmico tão intenso, imerso nas práticas da medicina durante oito dias, atendendo tudo quanto é tipo de patologia, que nunca aprenderemos se nos fecharmos em um hospital ou clinica particular”, ressalta. “Nosso olhar nunca mais será o mesmo.”

Não é só ganho acadêmico que Priscila contabiliza. “Também conhecemos alunos de diferentes áreas do conhecimento e cidadãos comuns que nos enchem de experiência de vida e encantamento por tudo o

que se tem a fazer ainda.”

Consciente de sua oportunidade em cursar uma universidade pública, Priscila afirma que é importante que todos os alunos tenham a responsabilidade de devolver benefícios para a sociedade brasileira através de sua prática profissional. “Daí a importância do Projeto Bandeira Científica de permitir um contato direto com uma comunidade carente, onde podemos desenvolver a caridade pelo próximo”, afirma.

“O jovem que participa de uma experiência como essa sai dela transformado, com uma vivência que nunca obterá se ficar trabalhando apenas em consultório ou hospital. O Bandeira fica marcado na alma, e o graduando nunca mais esquece”, reflete o coordenador Ferraz da Silva.

Ganhos – Ferraz da Silva aponta quais são os ganhos que alunos e comunidade atendida recebem quando o projeto sai do papel e alça voos. Para ele, o ganho maior diz respeito à formação dos alunos de graduação, que têm a oportunidade de conhecer outras realidades num país tão grande como o Brasil. “O fato de ir até uma região remota é inédito na USP, que conta com vários outros projetos, mas que se resumem no atendimento à periferia da cidade de São Paulo”, afirma Ferraz da Silva. “Sem contar que ficar perto de casa é mais fácil. Volta-se para a comodidade da vida urbana, com televisão, internet, chuveiro quente, colchão macio, comida na mesa. Nos rincões brasileiros essa facilidade não existe. O



Ferraz da Silva (com a placa) e alunos recebem o prêmio:
solidariedade

aluno fica doze dias imerso numa realidade totalmente adversa à sua.”

Essa adversidade faz com que os alunos percebam que o conforto é relativo, e passam a valorizar a vida de uma outra maneira, além de se dar conta de outras possibilidades de atendimento médico. “Os alunos conseguem visualizar o paciente a partir da casa dele. Fazem visitas domiciliares para ver a realidade, entender que tipo de tratamento será melhor para o paciente e diagnosticá-lo. Não é o paciente que vai até o consultório, e sim o médico que vai até a casa do paciente. Isso já é um grande diferencial”, aposta Ferraz da Silva.

Outro ganho fica por conta da parte técnica. Ferraz da Silva relata que o aluno aprende a examinar o paciente, no caso dos alunos de Medicina; a fazer uma entrevista, no caso dos alunos de Psicologia; e a pensar a informação sobre outro prisma, no caso dos alunos de Comunicação. “É importante ressaltar essa interdisciplinaridade, que se dá com o envolvimento de tantas áreas do saber no mesmo projeto.”

Do ponto de vista dos moradores da região atendida, os benefícios também são significativos. O paciente recebe um atendimento de qualidade, com consultas longas, em que o médico vê o paciente por inteiro.

“Com isso, queremos que o cidadão tenha uma percepção do que é um atendimento integral, completo, diferente da correria do SUS.” Quando se precisa de ultrassom, por exemplo, o exame é realizado na hora, para que o paciente não tenha que esperar três meses, até a consulta pelo SUS. O atendimento oftalmológico realiza consulta e doa os óculos, uma vez que 60% dos pacientes têm problemas de vista.

Há também a prótese dentária, oferecida pela turma de Odontologia.

O município também tem um ganho direto. Com os dados levantados, a equipe consegue elaborar um plano de gestão. Foi o caso do município de Machadinho do Oeste, em Rondônia, que após o plano conseguiu um Centro de Apoio Psicossocial. O mesmo ocorreu com a cidade de Buriticupu, que ganhou um Centro de Medicina Tropical, em parceria com a Universidade Federal do Maranhão. A cidade de

João Câmara ficou com um polo de pesquisa avançada, por meio de uma parceria com a Universidade do Rio Grande do Norte. “Conseguimos municiar os municípios com dados e aspectos técnicos que eles precisam para desenvolver projetos que interessam a eles. Cabe ao município decidir utilizar ou engavetar”, conclui Ferraz da Silva.

Projeto iniciou atividades em 1957

O Projeto Bandeira Científica foi criado em 1957 pelos alunos e professores da Faculdade de Medicina da USP. Naquela época havia a intenção de desenvolver a pesquisa científica de campo e atividades educativas para a população. Promovia expedições pequenas, com cerca de 20 a 30 pessoas, em municípios do interior do Brasil, principalmente aqueles que apresentavam doenças endêmicas, considerando sempre a vocação para a pesquisa e a educação. As expedições eram bienais e se estenderam até 1969, realizando um total de 11 expedições. Foi interrompido por questões políticas, por causa da ditadura militar (1964-1985), e só foi reativado em 1998.

Naquele ano, a primeira expedição foi para o município de Cajati, no Vale do Ribeira, em São Paulo.

Foram feitas atividades relacionadas a verminoses e exames parasitológicos de fezes, como parte do projeto de pesquisa.

Em 1999, foi a vez do município de Eldorado, também no Estado de São Paulo. O diferencial é que foi o primeiro ano das atividades médicas assistenciais prestadas para a população, com supervisão dos professores das diversas áreas.

Na época, o Bandeira Científica assumiu o caráter de extensão universitária, buscando contemplar os pilares da Universidade: pesquisa com projetos voltados para a comunidade, com atendimento à saúde. A parte didática incluiu não só palestras para a população local, mas também para os alunos.

Em 2000 tem início a fase moderna do projeto, com a primeira expedição para fora do Estado. A cidade

contemplada foi Montenegro, em Rondônia, onde hoje está instalado o Instituto de Ciências Biológicas (ICB) 5 da USP.

Dessas experiências, surgiu a necessidade de se criar parcerias universitárias como forma de o projeto ter continuidade, depois que a caravana da USP retorna para São Paulo.

De lá para cá, todas as expedições do projeto contam com duas parcerias fundamentais: uma com uma universidade local, de preferência federal ou estadual, que aceite desenvolver o trabalho e dar continuidade ao atendimento, e outra com os gestores políticos: prefeitos, secretários de saúde e governadores de Estado. “Tentamos trabalhar com esses gestores para garantir que os pacientes que necessitam de um exame subsidiado o consigam dentro da rede do sistema de saúde. Nosso papel, como projeto, é fortalecer o sistema de saúde local e não paralelo. O que trabalhamos nessa parceria é como podemos ajudar o município para que este consiga usar melhor o sistema de saúde”, explica o professor Luiz Fernando Ferraz da Silva, coordenador do projeto.

Em 2001, o município de Buriticupu, no Maranhão, recebeu a visita da expedição do Bandeira Científica, em parceria com a Universidade Federal do Maranhão. De 2002 a 2005, o projeto foi ampliado. Surgiu a necessidade de atuar com outras áreas do saber, já que a medicina não consegue resolver todos os problemas dos municípios. Além da saúde precária, há problemas de coluna, subnutrição e falta de saneamento básico, entre outros. Passou-se de um grupo de 20 pessoas para 80 participantes do curso de Medicina e 15 de Fisioterapia. “Começamos a observar que os municípios, além da necessidade de saúde básica (pediatria, ginecologia, clínica geral), começaram a trazer demandas de outras especialidades. Foi quando começamos a levar otorrinolaringologista, psiquiatra, oftalmologista, cardiologista e pneumologista.”

O grande salto do projeto se deu em 2006, quando se procurou a integração entre os projetos de todas as

áreas participantes. Atualmente o Bandeira Científica procura crescer como um projeto interdisciplinar, integrando todas as áreas num objetivo comum, diz Ferraz da Silva.

Compartilhe:

